

RESENHA

COMPLEXIDADE: UM NOVO / ANTIGO MODO DE PENSAR

Geysa Silva*

*Prof^a Dr^a da
UNINCOR

O PENSAR COMPLEXO, EDGAR MORIN E A CRISE DA MODERNIDADE
PENA-VEGA, Alfredo e NASCIMENTO, Elimar Pinheiro (org).
Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

O pensar complexo, Edgar Morin e a crise da modernidade, organizado por Alfredo Pena Vega e Elimar Pinheiro do Nascimento, apresenta a nova/antiga forma de organização das pesquisas científicas, em diversas áreas do saber, portanto, com autoria de múltiplos pensadores, tendo como ponto de apoio a proposta do filósofo francês cujo nome integra o título do livro.

Inicialmente, queremos esclarecer que todas as citações desse trabalho pertencem ao livro que está sendo resenhado.

A presença de especialistas, em áreas às vezes tão diferentes, vem

corroborar a atitude intelectual de Morin e o quanto essa atitude está, hoje, recebendo a aceitação da comunidade acadêmica. Afinal, o que é esse pensar complexo?

Resolvemos chamá-lo de nova/antiga forma de pensar, porque a consideramos uma retomada dos paradigmas da chamada Grécia Clássica, em que a unidade suplantava a divisão, isto é, o raciocínio era sempre dirigido para o todo, ainda que fosse necessário examinar as partes.

É evidente que a situação atual, em qualquer perspectiva que a examinemos, difere em muito daquela vivenciada pelos

pré-socráticos, por exemplo. Quer-se destacar, entretanto, que o homem contemporâneo conscientiza-se da premissa de renunciar à compartimentalização que imperou até pouco tempo entre as várias disciplinas, o que resultou numa visão em profundidade, porém com limites muito estreitos.

A acentuada importância que os sistemas de educação de diversos países, principalmente em seus níveis iniciais, atribuí agora à interdisciplinaridade e também à transdisciplinaridade, evidencia uma mudança nas diretrizes que se pretende dar ao processo de formação intelectual de crianças e jovens.

Em uma época de mudança do paradigma científico, a verdadeira questão não é simplesmente o enriquecimento do espírito, nem simplesmente a consciência do sentido da complexidade, mas uma radical e profunda reforma do pensamento, segundo a expressão cara a Edgar Morin, que supere todas as formas de reducionismo (PENA-VEGA e NASCIMENTO, 1999, p.9).

O pensamento complexo é apresentado pelo próprio Edgar Morin (p.21 e seguintes), num capítulo em que discute uma verdadeira reforma no uso dos padrões cognitivos, a partir da idéia de que às certezas que nos eram imputadas

anteriormente, opõem-se as incertezas que o avanço das ciências, conhecidas como exatas, oferecem agora a seus estudiosos.

O abalo que a Nova Física trouxe ao cartesianismo e à separação entre observador e objeto observado, a introdução do fenômeno da desordem com os estudos de Boltzman sobre a energia calorífica, as críticas empreendidas por Bachelar ao racionalismo, assim como a de Popper ao método indutivo, são alguns dos argumentos de que se vale Morin para defender sua posição epistemológica.

Acrescente-se o valor atribuído à ecologia, que dilatou seu território nos últimos anos, indo de um sistema localizado para o global, o que acentuou a não-separabilidade.

Contextualizar e globalizar são os procedimentos absolutamente normais do espírito e, infelizmente, a partir de um certo nível de especialização, que passa a ser da hiper-especialização, o fechamento e a compartimentalização impedem contextualizar e globalizar. Contextualizar é problema da ecologia. Nenhum ser vivo pode viver sem seu meio ambiente. Iso quer dizer que não podemos compreender alguma coisa de autônomo, senão compreendendo aquilo de que ele é dependente (MORIN, 1999, p.25).

Castoriadis apresenta a subjetividade não como algo uno, mas sim como a multiplicidade de instâncias subjetivas que formam o para si e constituem um sujeito fracionado, com tendência para: "Ora, se observarmos de perto, cada uma dessas instâncias é um micro sujeito" (CASTORIADIS, 1999, p.37).

A imaginação e a faculdade de pôr em relação ganham destaque, ao serem discutidas suas diversas formas, não só no domínio físico (a percepção das cores), mas também no campo do psíquico e do social. O homem é um ser imaginativo, que consegue ver Y em X, efetuando a criatividade, e transformar-se em duplo, sem prender-se a duas possibilidades apenas.

A verdadeira vontade não se refere à escolha de duas possibilidades pré-determinadas, mas a esse ato único, incoativo, no e pelo qual surgem novos possíveis e, ao mesmo tempo, o sujeito se dirige para eles. Tal sujeito não é uma realidade, é um projeto, em parte realizado pelos indivíduos e em parte, sobretudo, a ser realizado também em função de uma transformação que se refere não apenas aos seres humanos na sua singularidade, mas à sociedade em seu conjunto (CASTORIADIS, 1999, p.46).

Jean-louis Le Moigne propõe a

reflexão do que é e de como se manifesta a complexidade. Afirma que o primeiro passo para compreender a complexidade é admitir a complexidade da inteligência, pois tais conceitos são como duas serpentes que se entrelaçam. Esse entrelaçamento exhibe a formulação de uma lógica que se baseia na exclusão e na inclusão, ou seja, na interação e na reação.

Para a ciência, alguns fenômenos ainda são inexplicáveis, todavia são inteligíveis, ou podem se tornar assim. É o que acontece com o caos determinístico. Em busca da explicação, em outros termos, da ordem que se deseja em tudo encontrar, estudam-se as variadas formas de organização, que se assentam sempre na conjunção de fatores, que se apresentam como uma conjunção de ações: "Inter-ação, trans-ação, retro-ação e reação inteligível em outro nível: organização; mais especificamente, a organização ativa ou organiz-ação" (LE MOIGNE, 1999, p.58). Tudo isso acontece no âmbito da cognição, só possível no campo do comunicável: entendemos o que podemos co-memorizar. Veja-se, portanto, com LE MOIGNE (1999, p.74), que

Para isso é preciso reconhecer que a complexidade, como a inteligência, é suscetível de ser

inteligente, e praticável, quando admitimos concebê-la como artificial, em vez de suportá-la como natural. A ciência da complexidade é a ciência da concepção dos possíveis, e a inteligência, a faculdade de pensar o que também poderia ser (R. Musil).

Emilio Roger reitera a posição de Le Moigne, ao destacar que para compreender a complexidade é preciso adotar um procedimento de interrelação e abandonar a simples justaposição. Não se pode reduzir o todo à parte, nem a parte ao todo. Roger defende um processo dinâmico de pensamento, sem o descarte da lógica clássica, porque a complexidade não é a "simplificação ao avesso"; ela nos mostra que o princípio do terceiro excluído só é aplicável a sistemas estáticos e fechados. A partir dessa posição, Emilio Roger discute a complexidade humana, tendo como premissa que somos produto da dialogia entre demência e sapiência. Essa é nossa originalidade. Por outro lado, a desvalorização do homem, realizada no século XX, aponta para o ineditismo da ameaça de desaparecermos como espécie. A consciência da morte nos dá a consciência de nós mesmos. Além disso, o cérebro humano não espelha a realidade, daí a incerteza diante da observação dos fenômenos, a ambigüidade entre o real e

o imaginário.

O ser humano está condenado a oscilar ad eternum entre a teoria abertae a doutrina; entre o uso complexo da racionalidade e as racionalidades mais demenciais; as ideologias correntes e as mais demenciais. A aventura do conhecimento é uma aventura antropológica, pois é um conhecimento que se sabe sempre incerto, que tem sempre que estar em situação vigilante diante do auto-engano, o puramente ideológico, tudo aquilo que ao longo da história mobilizou, iluminou e cegou a humanidade. Porque a história é precisamente a manifestação fenomenológica da natureza humana, do homo sapiens/demens (ROGER, 1999, p.101).

Edgard de Assis Carvalho adentra o território da ética planetária, ao levantar a posição de que o homem deve ser devolvido "ao império da natureza, sem retirá-lo da república da cultura". A hominização é um processo particular no processo geral da vida, que sempre reorganiza o ecossistema em que está inserido. Nessas condições, a morte deve ser entendida como transformação, ingresso numa existência transpessoal, que não é a imortalidade por muitos anunciada. Entretanto, a sociedade contemporânea trilha um caminho de progresso tecno-

lógico que pretende o domínio absoluto da natureza, ao invés da simbiose com ela.

O resultado é a destruição da ecosfera, o impedimento da auto-regeneração do ecossistema e o fantasma do aniquilamento do próprio mundo em que vivemos. Sua posição, entretanto, é otimista:

(...) a utopia não é a expressão de um topos negativo e, muito menos, o mundo prometeico no qual as necessidades gerais estariam plenamente satisfeitas. A utopia possível, e passível de realização, implica uma política de civilização, fundada na ética cívica planetária, e na convivência com as relações de complementaridade, concorrência e antagonismo que cercam a existência humana (CARVALHO, 1999, p.116).

Françoise Bianchi traça uma panorâmica da obra de Edgar Morin, desde a célebre reportagem, intitulada *L'An zéro de l'Alemagne*, feita em 1946, em que comenta o pós-guerra e reflete sobre o futuro da Europa. Já na década de 50, excluído do partido comunista, Morin dedica-se a estudar o cinema e aponta a virtualidade cinematográfica como projeção dos mecanismos do imaginário humano.

Entre os anos 50 e 60, Morin volta

sua atenção para a modernização das comunidades rurais francesas, que sofrem os efeitos da industrialização. Nesse trabalho, ele destaca a intersubjetividade entre o observador e aqueles que são observados. Ainda como sociólogo, Morin, em *Rumeur d'Orléan*, propõe o estudo das crises "como manifestação da vida coletiva".

Indo dos mitos religiosos aos mitos políticos, *L'homme et la mort* mostra que o natural no homem também é o mundo da cultura. A trajetória do pensamento moriniano desemboca na proposta da complexidade.

O método do pensamento complexo não é um evangelho nem uma tábua de Moisés; é a arte de religar o que a análise desagrega, de contextualizar quando o reducionismo separa, de "historicizar" o método, os conceitos e o sujeito pensante, para não ser governado- ou sê-lo o mínimo possível- pelo idealismo da simplificação ou da abstração (BIANCHI, 1999, p.125).

Bernard Paillard abre seu capítulo com o anúncio de uma abordagem multifacetada da obra de Morin, que exige uma metodologia sem pré-classificações. Denominada "Sociologia do presente", ela nos lembra que é relevante a reflexão sobre a atualidade, ou, em outros termos,

apreendermos o que Morin chamou de "espírito do tempo", até então sem ocupar um lugar de destaque no mundo acadêmico.

Assim, a cultura de massa indicia uma mitologia moderna, concebida em um período de mutações que geraram crises e conflitos numa sociedade "ao mesmo tempo capitalista, industrial, técnica, urbana, consumista etc", isto é, uma sociedade complexa.

Na década de 60, Morin, ao estudar a pequena Plozevet, no interior da França, elaborou o método que se transformaria na marca do pensamento atual. É o método multidimensional, que não obedece ao processo clássico de formulação de hipótese, análise de dados e conclusão. Não existem posições a priori, não há campo delimitado; ao contrário, vivencia-se a tensão entre o particular e o universal.

Este procedimento de não construir uma metodologia estrita talvez explique sua falta de popularidade. É por isso que o método plozevetiano continua extremamente marginal. Ele nunca foi patenteado por um Edgar Morin que, aliás, não se deteve na sua única experiência de sociólogo do presente. Esta ausência de formalização nos faz pensar no método como a-metodológico, quando ele é antes de mais nada a-dogmático

(PAILLARD, 1999, p.139).

Gianluca Bocchi e Mauro Cerni colocam em tela as cisões sofridas pela humanidade desde seus primórdios. 1492 foi por eles considerado o ano em que foi rompida a separação das civilizações, pois o expansionismo europeu acabou por introduzir novas formas de agricultura e propiciar o fluxo de diferentes espécies de animais.

As modificações foram ainda mais profundas. As civilizações pré-colombianas conheceram novas doenças, o contato com outras línguas ampliou o uso, embora com variações, principalmente do inglês, do francês, do espanhol e do português. Há uma transformação das relações entre o homem e o ecossistema em que vive.

O progresso técnico-científico mostra a valorização da diversidade, enquanto, simultaneamente, emerge como força de repetição a ameaçar a criatividade. Instalou-se uma crise da biodiversidade, com o encolhimento e até mesmo com a extinção de várias espécies animais e/ou vegetais. Gianluca Bocchi e Mauro Cerni negam tanto o mito do progresso quanto o da idade de ouro do passado e sugerem uma nova perspectiva integradora que facilite a solução de nossos problemas, defendendo a posição de Edgar Morin em

relação ao processo de hominização.

Edgar Morin ajudou-nos, com sua obra, a perceber que o Homo sapiens, no curso de sua história, não nasceu humano, mas sim aprendeu a ser humano. E também nos ajudou a entender como, num devir milenar, novas formas de humanidade se estratificaram e se substituíram mutuamente. Talvez a rede de sabedorias e experiências que vem se tecendo com o avançar da era planetária possa permitir à nossa espécie aprender a ser global, a vincular-se com a totalidade dos ecossistemas mediante novas relações sustentáveis, a saber usufruir o lado criativo das diversidades culturais (BOCCHI e CERNI, 1999, p.162).

Ana Sanchez faz o relato de seu encontro com o pensamento de Edgar Morin, quando chegou à conclusão de que não se pode separar Edgar de Morin, o eu particular do eu do pensador acadêmico, acontecimentos autobiográficos de posições teóricas. Afirma que a dialética adotada por Morin reconhece a contradição entre fenômenos, porém essa contradição realiza um jogo com a identidade e ambas devem ser reconhecidas e, não, superadas. Se, inicialmente, Morin usava o hífen para exprimir graficamente a união dos contrários,

depois ele passa a adotar a espiral, que serve melhor ao inacabamento, à itinerância, portanto à complementaridade de noções antagônicas e de noções que sofrem transformações. Foi essa atitude epistemológica que permitiu à Ana Sanchez formular uma teoria do feminismo complexo, que supera a dicotomia feminino versus masculino, em seus aspectos ditos científicos. A psicologia e a biologia foram questionadas quanto às afirmações acerca da inferioridade da mulher, que sempre se assentavam em pólos excludentes. O feminismo atual apresenta como contrapartida a multicausalidade e os modelos interativos. Nesse ponto ele se encontra com a complexidade moriniana.

A identidade feminina ou masculina obedece a coordenadas sócio-simbólico-econômico-histórico-estruturais perecedouras, mas existentes. Esta é a aposta, acreditar no caráter temporalmente geral da situação de homens e mulheres e, ao mesmo tempo, sem essencializá-los, combater sua existência. Isto é, apesar de a "mulher" ser fixada por uma complicada trama de crenças, mitos, tradições, etc, só precisamos fazer uma breve consideração transdisciplinar disso (antropologia cultural-história-fontes de relativização-e, por exemplo, biologia e

psicologia, que em suas correntes mais dominantes são fontes de fixação). No entanto, as propostas teóricas do feminismo continuam sendo envolvidas pelos supostos subjacentes (SANCHEZ, 1999, p.177-8).

Alfredo Pena Vega e Paula Stroh escrevem o último capítulo do livro e fazem uma profissão de fé na teoria da complexidade, ao procurar entender a ligação entre o homo sapiens e o homo demens, o crítico e o mitológico, para aceitar nossas próprias imprevisibilidades, já percebidas e estudadas por numerosos contemporâneos, como Perigogine, Foerster, Maturana e muitos outros. O importante é termos consciência de que as reflexões sobre o mundo e sobre nós mesmos são resultado de nossas afeições, das representações que fazemos do próximo, do que lemos e observamos. Na era da racionalização exarcebada, é necessário reconhecer a síntese entre polaridades como corpo e espírito, místico e racional. O amor pela vida leva a vivenciarmos a intensidade de nossas emoções, que são a substância de nossa criatividade.

Amar. Viver, compreender: a espiral da simplicidade na complexidade. Procurar com amor sem medo e sem auto-complacência-a riqueza da nossa vida

interior, a atualização permanente de nossas auto-referências, enquanto nos esforçamos para compreender a complexidade que já sabemos existir nos fenômenos biofísicos e nos seres humanos. Tanto nas grandes interações coletivas como nas relações individuais mais elementares (PENA - VEGA e STROH, 1999, p.19).

O pensar complexo, Edgar Morin e a crise da modernidade apresenta diferentes abordagens sobre um tema que está provocando um debate epistemológico no âmbito das idéias sobre a aquisição dos saberes e sobre o entendimento da vida em sua diversidade. É um livro que, ao mostrar a incerteza de nossas pseudoverdades, acena com o caminho do amor para continuarmos a trajetória do homo sapiens sem nos perdermos no homo demens.

REFERÊNCIA

PENA-VEGA, Alfredo e NASCIMENTO, Elimar Pinheiro (org). *O pensar complexo, Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.